

SHORT COMMUNICATION

## Algumas aves florestais observadas na Área de Proteção Ambiental do Mestre Álvaro, Espírito Santo

José S. Lemos

O estudo da fauna remanescente em áreas pressionadas pela urbanização é importante por vários fatores: saber quais são as espécies sobreviventes; estudar porquê resistiram à pressão da presença humana e tentar compreender o porque da extinção de outras espécies. Através do estudo do comportamento das diferentes espécies, pode-se partir para políticas de preservação verdadeira, com atitudes que realmente ajudem os animais. A APA do Mestre Álvaro é uma área pressionada pela urbanização, constituindo-se numa verdadeira ilha florestal no meio de um grande aglomerado urbano que é a capital do Espírito Santo e as cidades circunvizinhas, área cuja população já ultrapassa 1 milhão de habitantes. No Século XIX o naturalista SAINT HILAIRE, ficou impressionado com suas florestas virgens, observou também a intensa atividade de caça praticada pelos naturais da região.

Nos últimos dez anos, com a criação da APA, a floresta tem se regenerado mais depressa, as trilhas estão ficando mais fechadas e os caçadores, até mesmo pela própria rarefação da caça, estão mais difíceis de se ver. Neste artigo, são relacionadas algumas espécies de aves observadas em excursões à montanha, efetuadas pelo autor entre 1987 a 2001.

O Mestre Álvaro é uma montanha que impressiona. Erguendo-se do nível do mar até 833 metros de altitude, domina com sua presença isolada a paisagem da capital do Espírito Santo. Esse encantamento vem de longa data. Em sua viagem ao Espírito Santo em 1818, SAINT HILAIRE fez questão de subir ao topo do maciço, que segundo ele, "...se mostrava à minha vista com toda a sua massa pesada e respeitável" KNUDSON, em livro sobre as reservas florestas capixabas, diz que a montanha "é dramática em aspecto cênico, subindo a 833 metros acima do mar. A floresta que ocorre nesta montanha deve ser muito complexa, composta de grande número de espécies vegetais e animais." Tendo aos pés de sua encosta norte o populoso município da Serra, e ao sul a cidade de Vitória, a montanha converteu-se com o passar do tempo, em local de peregrinação para os aficionados do montanhismo e interessados na natureza. Parte do maciço está ocupado com criação de gado. Como as encostas são íngremes, e a subida é feita apenas por meio de trilhas, até hoje costuma-se usar tropas de burros para fazer o transporte entre as propriedades e a cidade da Serra. Todo o maciço, tem uma área de cerca de 40 KM<sup>2</sup>, podendo ser avistado de Vitória, de onde se pode observar suas encostas azuladas, o "suave toque de azul" nas palavras de DARWIN ao contemplar a floresta atlântica em 1872. Em 1976, o maciço foi

transformado em reserva florestal, com área de 2.216 hectares. Como as desapropriações não ocorreram, e o desmatamento continuou, encontrou-se uma solução em 1991: A transformação por meio de lei, da reserva em Área de Proteção Ambiental, tendo como um dos objetivos de manejo, porém secundários, a preservação da diversidade biológica. A área de proteção ambiental alcança 3.470 hectares, porém, a área de mata remanescente é menor variando entre uns 1500 a 2000 hectares. Esta mata encontra-se em vários estágios de sucessão. Na encosta voltada para o sul, de aspecto mais úmido, existem até hoje, remanescentes da mata primária original. Próximo aos topos, existem áreas de planalto habitadas por espécies campestres. Nas encostas, é nítido o efeito da altitude na vegetação e nos pássaros. A partir dos 500m, mais ou menos, observam-se moitas de taquarussus, melastomáceas e outras espécies vegetais próprias de temperaturas mais brandas, e aparecem espécies de aves que no Estado do Espírito Santo, só ocorrem a partir da cota de 400 metros de altitude. Apesar da depredação a que foi submetido, o maciço é um extraordinário laboratório natural para estudos ecológicos e biogeográficos, merecendo ser preservado e repovoado com espécies desaparecidas.

### As aves

#### NÃO PASSERIFORMES

##### TINAMIDAE

##### *Crypturellus tataupa* - **Inhambu xintã**

Frequentemente pode ser ouvido a vocalizar nas capoeiras e capoeirões da subida do morro.

##### ACCIPITRIDAE

##### *Accipiter striatus* - **Gaviãozinho**

Foi registrado em uma única aparição, em zona de capoeirão na subida para a pedra das três marias em 1988. Não se sabe se ainda habita o maciço.

##### *Leptodon cayanensis* - **Gavião de cabeça cinza**

Registrado várias vezes de 1987 até 2001. Próximo ao cume, em florestas pouco alteradas. Frequentemente vocaliza próximo ao cume, nas encostas e na pedra das três marias. Também plana sobre o maciço.

##### *Leucopternis lacernulata* - **Gavião pombo pequeno**

Registrada em capoeirão em julho de 1987. Posteriormente foi registrado em junho de 1991 planando sobre o maciço. Nos anos recentes não o registramos.

Received 01.11.2002

Accepted 07.03.2003

Distributed 23.06.2003

FALCONIDAE

**Falco ruficularis – Cauré**

Em Set.1992 localizamos um indivíduo empoleirado na beira da mata, na encosta sul. Único registro.

CRACIDAE

**Penelope supercilialis – Jacupemba**

Em Out.1991 encontramos pequeno bando a 650 m. de altitude, na área de matas baixas, já seguindo para o cume.

PSITTACIDAE

**Pionus maximiliani – Maitaca**

Freqüente nos capoeirões da encosta norte, aos casais, ou pequenos bandos de até seis indivíduos. Na encosta sul, de matas mais preservadas quase não é vista.

MOMOTIDAE

**Baryphthengus ruficapillus – Juruva**

Só registrada nas matas altas da encosta sul, sempre nas áreas de vegetação mais preservada. Em Set. 1992, quatro indivíduos vocalizavam na mata. Chegamos a ver de perto um deles.

RAMPHASTIDAE

**Ramphastos vitellinus – Tucano de bico preto**

Registrada em diversas ocasiões a partir de maio de 2001, até hoje em dia. Habita as matas altas da encosta sul, mas incursiona até as propriedades próximas à pedra de três marias na encosta norte. Parece não ter sofrido decréscimo nesses dez anos. Até hoje é frequente nas matas do Estado do Esp.Santo.

**Pteroglossus aracari – Araçari de bico branco**

Mesmos locais do tucano de bico preto, porém, é algo mais raro. Até hoje é registrado no maciço.

PICIDAE

**Celeus flavescens - João velho**

Registrado duas vezes nos capoeirões da encosta norte. Sempre um indivíduo macho, em outubro de 1991, a 450 m. de altitude, e em julho de 1997 a 300m. de altitude.

PASSERIFORMES

THAMNOPHILIDAE

**Drymophila squamata – Formigueiro**

Freqüente nas matas do alto do maciço, e na encosta sul.

**Pyriglena leucoptera – Papa taoca**

Registrada nas matas altas da encosta sul em várias ocasiões. Desde abril de 1988 até recentemente.

**Mackenziaena severa – Borralhara**

Em Out.1991, ouvimos sua voz em moitas de taquarussú, a 500m. de altitude, encosta sul. Não mais foi registrada.

COTINGIDAE

**Procnias nudicollis – Araponga**

Vocalizava em agosto de 1991 na encosta sul, apenas um indivíduo. Em out.1991, vimos uma fêmea alimentando-se em uma

mirtácea na subida da encosta norte, em capoeirão a cerca de 450 m. de altitude. Em maio de 1992, do alto do maciço observando a mata abaixo, pudemos ver quando um macho adulto calmamente desceu sobre uma copa de uma figueira. Depois, só a registramos em setembro de 1996, vocalizando na encosta sul. É incerta sua presença atualmente no maciço.

PIPRIDAE

**Chiroxiphia caudata – Tangará**

Uma pequena população que habita a encosta sul a cerca de 450-500m. de altitude. Parece estar ilhada naqueles locais. Não sofreu alteração de número de 1987 até hoje em dia.

**Manacus manacus – Rendeira**

Registrada nas matas da encosta sul, em diversas ocasiões.

EMBERIZIDAE

**Psarocolius decumanus – Japu**

Seu habitat predileto são os capoeirões da encosta norte, onde encontramos em outubro de 2001, três colônias de ninhos, uma de tamanho médio. Parece que não sofreu diminuição de número de 1987 até hoje. Costuma antes do crepúsculo empreender vôo coletivo em demanda de eucaliptal existente após a zona urbana, atravessando alto vários bairros populosos. Seu “primo” *Cacicus haemorrhous*, mais adaptável a alterações, ainda não foi registrado no maciço.

**Tangara sedon- Saíra de sete cores**

Registrada uma única vez em set.1992, um bando de uns 10 indivíduos, alguns imaturos, na encosta sul a 650m. de altitude, alimentando-se de frutinhas de melastomáceas.

**Tangara mexicana- Saíra turquesa**

É freqüente nas matas da encosta sul.

**Tachyphonus coronatus – Tiê preto**

Como *Chiroxiphia caudata*, parece estar ilhado no maciço a partir dos 450m.de altitude. Somente o registramos à beira da mata na encosta sul.

**Tachyphonus cristatus – Tiê galo**

Freqüente nas matas da encosta sul.

**Hemithraupis ruficapilla – Saíra de cabeça castanha**

Registramos em maio de 1991, na encosta norte, a cerca de 500m. de altitude. Não mais registrada.

**Caryothraustes canadensis – Furriel**

Registramos um bando em julho de 1987, um bando numeroso em capoeirão na encosta norte. Desde então, não mais o vimos.

**Haplospiza unicolor – Cigarra bambu**

Pode ser encontrada nas moitas de taquarussú da encosta sul, a cerca de 500m.de altitude, onde a registramos diversas vezes.

Pelo tamanho e porte da mata, esperava-se encontrar mais espécies no morro do Mestre Álvaro. Essas espécies, escolhidas pelo autor por julgá-las representantes das florestas atlânticas

ameaçadas de extinção, foram observadas entre 1987 a 2001, em um total aproximado de 180 horas de observação. O fato de ser área já muito explorada por caçadores, e também ser uma montanha isolada do restante dos remanescentes florestais mais próximos, talvez explique essa relativa pobreza de aves. Esse isolamento transforma o Mestre Álvaro em verdadeiro laboratório natural, onde algumas questões relativas a nossa avifauna podem ser estudadas. Não apenas o isolamento do maciço das demais florestas, mas também, a grande proximidade dos centros urbanos com todas suas conseqüências sobre a fauna e também, a variedade de altitudes em um espaço relativamente pequeno, torna sua preservação importante. O estudo dessas características certamente nos ajudará a compreender muita coisa sobre nossa avifauna. Algumas espécies mantiveram seu “status” populacional ao longo desses 14 anos, sofrendo poucas alterações de quantidades como por exemplo *Psarocolius decumanus* e *Ramphastos vitellinus*. Outras como *Procnias nudicollis*, apresentam status incerto, não sendo registrada há alguns anos.

Esses fatos mostram a importância de se incrementar os estudos sobre o comportamento e as migrações de nossas aves. Outro fato que se conclui a respeito da fauna alada do Mestre Álvaro, é que não bastam ações isoladas e uma boa legislação para proteger nossas espécies. É necessário que os órgãos competentes empreendam um programa duradouro e permanente de educação e assistência às populações residentes no entorno das áreas protegidas, muitas vezes populações carentes. Esses programas, terão que conjugar conscientização ecológica com orientação e ajuda econômica nos moldes do que foi feito com a proteção das tartarugas marinhas pelo TAMAR. Só assim deixaremos de contemplar “matas silenciosas”.

## Referências

- Frisch, J. D. 1981. **Aves Brasileiras**. São Paulo, Dalgas – Ecoltec,
- Frisch, J. D. **Cantos de Aves do Brasil**. São Bernardo do Campo, Copacabana, 1 Fita K.7.
- Gonzaga, L. P. & Castiglioni, G. 2001. **Aves das Montanhas do Sudeste do Brasil**. Rio de Janeiro, Arquivo Sonoro Prof. Elias Coelho, 1 disco sonoro.
- Knudson, D. M. 1983. **Reservas Florestais do Esp. Santo**. Vitória, FCAA- UFES/ Governo do E.ES- SEAG-ITC.
- Ridgely, R. & Tudor, G. 1994. **The Birds of South America vol II. the suboscine passerines**. Austin, University of Texas Press.
- Saint Hilaire, A. 1974. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- Sick, H. 1977. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Sick, H. 1986. **Ornitologia brasileira, uma introdução**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2 ed., 2 vol.
- Souza, D. 1988. **Todas as Aves do Brasil**. Feira de Santana, Dall.